

2019: TRAVANDO LUTAS

Colegas de leitura/luta,

Começamos o ano de 2019 do único modo que nós, professoras e professores, sabemos: preparando-nos para uma série de enfrentamentos que se anunciam no campo da Educação. Há de se dizer que as guerras que se anunciam são muitas e advindas de todos os lugares, por vezes ocupando o plano imediato da vida, noutras sendo travadas a distância e sob a forma de embates políticos e/ou teóricos. Do ataque à escola “Professor Raul Brasil”, em Suzano, a postagens no *Twitter* lançando ofensas a professoras e professores, vivemos um contexto em que todas as pessoas envolvidas nas e com as escolas são tomados perigos em potencial.

Conforme anunciava o professor Vladimir Safatle (2019, on-line), querem-nos fazer acreditar que vivemos em uma “sociedade da desconfiança generalizada, de medo contínuo, da guerra iminente de todos contra todos”.

Mas, nós que de algum modo ocupamos as escolas – com pesquisas, com docências, discências, aprendências ou mesmo virtualmente por afetividade – não acreditamos nisso, não enxergamos apenas preto sobre branco. cremos, antes, em alunas e alunos que defendem seus professores, em corpo docente que se une para apoiar colegas professores, em pessoas que ocupam as ruas e fazem corpo contra as aclamadas “contingências” lançadas sobre a educação pública. Isto é, acreditamos em modos de organização que ultrapassam a ameaça lançada sobre nós. Somos muitos e nos multiplicamos.

Assim, justamente, reunimos uma coleção de textos nesta edição que não “arreda o pé” de seus enfrentamentos. Seja buscando abordagens metodológicas mais próximas do plano da vida nas escolas, pensando os modos de experimentar as aprendizagens nas salas de aula ou explorando a relação entre universidade e a formação docente, os textos aqui apresentados não temem se posicionar e fazer os enfrentamentos necessários para criar modos de vida sempre mais éticos.

No primeiro artigo, Fernanda Bindaco da Silva Astori e Maria Nilceia de Andrade Vieira indagam sobre nossas escolhas epistemológicas acerca dos caminhos que pretendemos percorrer em nossas pesquisas rumo a um posicionamento de resistência à hierarquização do saber científico e à falta de consideração aos saberes das culturas populares. No texto

intitulado *Caminhando com Michel de Certeau: contribuições epistemológicas para a pesquisa em educação*, as autoras apontam para a relevância do posicionamento do pesquisador e para a exigência de se manter atento a seus princípios ontológicos.

Dando sequência, o artigo *Direito universal e particular na formulação de políticas públicas e sociais: uma articulação possível?* problematiza elementos da modernidade que tensionam os conceitos de Estado, de políticas públicas e de atores sociais. Nele, Erineusa Maria da Silva e Kefren Calegari dos Santos destacam que a tensão entre direitos universais e particulares é absolutamente inevitável e que não pode ser eliminada. Como eles evidenciam, algumas lutas são necessárias sob uma ótica mais focada, mas, ainda assim, sem perder de vista uma perspectiva universalista.

No terceiro artigo, de autoria de Taiza de Souza Gusmões da Silva, é o campo da experimentação no ensino de Ciências que entra em foco no texto *Ensino de ciências e experimentação nos anos iniciais: da teoria à prática*. Apostando que a experimentação contribui para a redução dos obstáculos que se lançam sobre a aprendizagem e desperta o olhar inquiridor e investigativo dos educandos, a autora faz uma crítica pontual ao destacar que há, ainda, certo distanciamento entre as práticas de experimentação e as salas de aula reais. Como ela destaca, sua aposta é em aproximar sempre mais a relação entre teoria e prática e, assim, fazer do educando um ser mais ativo em sua aprendizagem.

Bárbara Cristina da Silva Sousa e José Raimundo Rodrigues nos conduzem a uma interessante reflexão sobre o ensino de Filosofia para alunos do ensino fundamental. Baseados na perspectiva materialista-dialética, abordam de forma coerente a importância da formação crítica de crianças e jovens da Rede Pública de Ensino. Partem da análise do documento que traça as diretrizes do currículo de ensino de Filosofia, propondo um diálogo polifônico. A leitura do artigo *Filosofia e educação básica: algumas considerações acerca da inserção de práticas de Filosofia no ensino fundamental da Rede Pública Municipal de Cariacica do Estado do Espírito Santo* é imprescindível para aqueles que reconhecem a necessidade de incluir práticas de Filosofia no contexto educacional, da infância à juventude.

Em *Formação docente e trabalho educativo: relações, diálogos e perspectivas a partir do PPGE/CE/UFES*, a autora Dilza Côco narra a trajetória significativa de sua formação. À medida que o texto evolui, somos, inevitavelmente, conduzidos a uma imersão sobre o universo da formação de professores. A leitura indica a reflexão sobre a necessária

relação entre a formação em Pós-Graduação e suas ressonâncias no trabalho pedagógico de futuros formadores.

O sexto artigo desta edição *História Viva: um olhar sobre a relação entre a Biologia da Cognição e o estudo do passado* se pergunta sobre o próprio conceito de cognição. Como o autor destaca, a escola possui a função de criar condições que levem o aprendiz a ampliar sua capacidade de ação e reflexão no mundo em que vive, ou seja, a de possibilitar que o conhecimento de cada um, alunos e professores, seja compartilhado, por meio da convivência, da ação e da afetividade, permitindo, assim, o crescimento de todos. Nesse sentido, Waldy Luiz Lau Filho faz uma discussão teórica em torno de Humberto Maturana, Francisco Varela, Friedrich Nietzsche e Bento de Espinosa para sustentar que vivenciar a interpretação do passado possibilita aos sujeitos envolvidos constituir-se em coautores da história e de sua própria trajetória histórica.

No artigo *A importância da autoeficácia em crianças com dificuldades de aprendizagem*, Wesley Kozlik Silva e Jessica Belo Silva buscaram publicações a partir do ano 2000, que indicassem a relação entre autoeficácia e a dificuldade de aprendizagem na vida acadêmica das crianças. A pesquisa indica que a crença dos alunos, com dificuldades de aprendizagem, sobre suas capacidades para aprender mantém estreita relação com o sucesso escolar. A leitura desse artigo é um convite à reflexão sobre a importância dos aspectos subjetivos e seus impactos na Educação.

No último artigo, as autoras analisam a Pedagogia em Alternância e suas possibilidades na formação de professores da área de Linguagens-Artes, da Licenciatura em Educação do Campo. O artigo *Pedagogia da Alternância e a formação do(a) professor(a) em Arte* discute a metodologia da alternância e sua organização educacional diferenciada, que respeita tempos e espaços próprios dos sujeitos do campo. Fernanda Monteiro Barreto Camargo e Marina Rodrigues Miranda descortinam o processo de formação de alunos da licenciatura indicando novos caminhos para consolidar a formação de professores de Artes no contexto da Educação do Campo.

De muitos modos, somos todos convocados a ocupar um lugar no grande diagrama de forças que se traça sobre a Educação. E nós, multidão em Educação, sabemos que lutamos não apenas por nós, mas por uma infinidade de vidas, junto a uma infinidade de outros.

Estamos em 2019, e as lutas na Educação são infinitas.

Uma excelente leitura!

Profa. Mestra Ericler Oliveira Gutierrez Quedraogo

Prof. Mestre Steferson Zanoni Roseiro

Membros do Comitê Editorial

REFERÊNCIA

SAFATLE, Vladimir. **A educação pela bala**. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2019/03/a-educacao-pela-bala.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2019.